

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

CARMEM ZELI DE VARGAS GIL¹

Primeiras palavras

Apoiando-nos nas reflexões de Nóvoa (1995, p. 25), quando diz que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”, percebemos o quanto a aproximação dos acadêmicos com a vida dos “homens simples” (MARTINS, 2011) é constituidora de um professor atento à complexidade da vida, problematizando as visões dicotômicas enraizada no ensino de História.

Para além das inconsistências, fartamente apontadas em pesquisas sobre a formação de professores², o que pretendemos aqui é pensar nas possibilidades do ensino articulado à extensão, apostando nos avanços dos acadêmicos que vivenciam a extensão como pesquisa, ou seja, exercício investigativo de quem se sente provocado por alguma coisa-

Articular pesquisa, ensino e extensão passa pela construção de um novo conceito de sala de aula que conjugue os espaços dentro e fora da universidade, expressando um conteúdo multi/inter/transdisciplinar como exigência de uma prática reflexiva. Registra-se a importância dessa articulação para a formação dos acadêmicos, estabelecendo vínculos com as pessoas e organizações dos grupos populares, pautados no diálogo e na responsabilidade social.

Recentemente a extensão tem recebido atenção das universidades e órgãos governamentais. Do assistencialismo passou-se ao questionamento das ações desenvolvidas buscando a qualificação do ensino e maior aproximação com a sociedade. A organização do

¹ Doutora em educação e professora da área de Ensino de História da Faculdade de Educação da UFRGS.

² Cursos de formação apressados, não cumprimento da carga horária de prática como componente curricular, a pouca disponibilidade dos alunos para vivenciar o que a universidade oferece, o desafio dos cursos noturnos com alunos trabalhadores que dispõem de pouco tempo para as leituras necessárias, entre outras questões.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão, no fim da década de 1980, ampliou os espaços de discussões afirmando a extensão como parte indispensável do pensar e fazer universitários. Atualmente os editais do PROEXT³ disponibilizam recursos para a extensão redirecionando a política das universidades, o que possibilita qualificar a extensão universitária e potencializa a sua natureza pedagógica. Para os acadêmicos, parece que a extensão amplia a compreensão de mundo e possibilita a formação profissional mais próxima da vida cotidiana. Para a universidade a extensão cumpre a função social da educação superior, atendendo ao princípio constitucional da indissociabilidade do ensino e da pesquisa. A extensão é sim um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação da universidade com a sociedade, provocando a troca de saberes.

Formatado: Realce

A proposta dessa comunicação parte da necessidade de acentuar o compromisso da licenciatura em História com a formação de um profissional reflexivo, capaz de compreender tanto os processos históricos quanto o contexto de vida dos alunos que estão nas escolas atualmente. Serão apresentadas algumas considerações sobre o projeto de pesquisa e extensão desenvolvido em uma vila de Porto Alegre/RS, com acadêmicos do Curso de História da UFRGS.

Situando o projeto

O projeto de pesquisa e extensão⁴, *Memórias da Vila Dique*, foi construído no âmbito da disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial do Curso de História da UFRGS. As atividades promovidas pela disciplina articularam a Unidade de Saúde Santíssima Trindade (USST), do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição (SSC-GHC) e a Área de Ensino de História da Faculdade de Educação –

³ O Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008, institui no âmbito do Ministério da Educação, o Programa de Extensão Universitária - PROEXT, destinado a apoiar instituições públicas de educação superior no desenvolvimento de projetos de extensão universitária, com vistas a ampliar sua interação com a sociedade.

⁴ O projeto foi cadastrado no sistema de extensão da universidade sendo planejado e executado por uma equipe multidisciplinar formada por acadêmicos e bolsistas do Curso de História da UFRGS: Renata Soares dos Costa, Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção, Lourenço Teixeira, Rafael Antunes e Débora Woberto e os profissionais da Unidade de Saúde Santíssima Trindade do Grupo Hospitalar Conceição: médica de família e comunidade Maria Amélia Mano, psicóloga Christiane Kammsetzer, bióloga Magda Matos, agente comunitária de saúde Almerinda Gambin.

(FACED/UFRGS), possibilitando aos acadêmicos conhecer a situação das famílias que estão sendo removidas devido à ampliação da pista do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre/RS, dentro do Projeto de Aceleração do Crescimento para a Copa do Mundo de 2014.

A sensibilização de profissionais e o pedido de lideranças comunitárias resultaram no projeto *Memórias da Vila Dique*, tendo como objetivo acompanhar o processo de remoção e reassentamento dos moradores da Vila Dique no Conjunto Habitacional Porto Novo.

A Vila Dique se configura como uma área de ocupação, localizada exatamente na cabeceira da pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho. Há mais de 40 anos, famílias oriundas do interior do Rio Grande do Sul migraram para a capital trazendo consigo hábitos rurais, com relações de vizinhança e solidariedade distantes da urbanidade. Com poucos recursos, começaram a construir suas habitações naquele espaço, dando origem à Vila.

Desde a chegada das primeiras famílias, a provisoriade foi uma constante, visto que a ameaça de remoção, por conta da proximidade do aeroporto, da ausência dos títulos de propriedade e, portanto, a ilegalidade das construções, eram sempre citadas. Obras e melhorias solicitadas pela comunidade eram questionadas e negadas pelo poder público em nome dessa temporalidade e provisoriade.

O Conjunto Habitacional Porto Novo é um loteamento situado na Avenida Bernardino Silveira Amorim, próximo ao Complexo Cultural do Porto Seco, o conhecido Sambódromo, na Zona Norte de Porto Alegre. O local recebeu, desde outubro de 2009, mais de 600 famílias da Vila Dique e algumas unidades de comércio e serviços. Já está funcionando a unidade de triagem de resíduos recicláveis, um centro social e a Unidade de Saúde Santíssima Trindade. A escola de educação infantil e de ensino fundamental iniciaram suas obras em 2012. Quando completo, o novo loteamento terá 1.476 residências (20 adaptadas para pessoas com deficiência), 103 unidades comerciais, duas escolas, uma praça e uma área de preservação ambiental.

O projeto, *Memórias da Vila Dique*, iniciou no segundo semestre de 2010, quando se delineou a ação de extensão. Em 2011, as atividades começaram efetivamente com reuniões de estudo, caminhadas na Vila e rodas de memórias com os moradores mais antigos. Em 2012, com recursos do PROEXT 2012 – MEC/SESu, os encontros e as rodas de memórias foram intesificados, com o objetivo de compor o *Caderno de memórias*, com as falas dos

moradores e as fotos produzidas durante os encontros, e o *Caderno de textos*⁵, com artigos sistematizando as aprendizagens da equipe. Em 2013, também com recursos assegurados pelo PROEXT 2013 – MEC/SESu, as atividades do projeto estão sendo direcionadas para o público jovem, com vistas à produção de um *documentário em vídeo* que busca cartografar as práticas culturais dos jovens entre o “novo” e o “velho” território. Isso, talvez, possibilite acompanhar os movimentos de (re)significação provocados pelo processo de remoção que se operam, a partir da mudança do local de moradia.

As entrevistas e rodas de memória são as estratégias metodológicas do projeto. O trabalho com a memória ajuda a recriar vínculos, construir sentidos de pertencimento e estranhamento em comunidades desprovidas do acesso aos direitos básicos. De acordo com Pollack (1992), a memória é um elemento constituinte do sentimento de pertencimento, na medida em que ela permite a uma pessoa ou a um grupo perceber a sua continuidade no tempo. É a memória do passado que nos situa no presente, já que somos aquilo que lembramos. Nas palavras de David Lowenthal, “saber lo que éramos confirma lo que somos” (1998). Do presente buscamos chegar ao passado por diferentes caminhos, informados pelo que somos, pelas angústias que nos movem e pelas perguntas que formulamos.

Não foi nosso objetivo capturar as identidades da Vila Dique, como se a identidade fosse um processo estável, possível de congelar em certas características, mas sim entendendo que é uma produção de memórias que vai acontecendo junto a esse processo de recriação da Vila Dique em outro espaço. Memórias produzidas com o olhar da História.

Trata-se de uma experiência reflexiva que aproxima a universidade dos desafios e das lutas do “homem simples”(MARTINS, 2011), possibilitando aos acadêmicos experimentar os extramuros da Universidade. Ao mesmo tempo em que participam de reuniões de estudo, colaboram na realização de pesquisas com grupos sociais em situação de risco e apresentam essas experiências em eventos científicos, ampliando os espaços de aprendizagens que os constituem professores de História.

A atuação do estudante no projeto coloca questões importantes sobre a formação do professor de história e o papel dessa disciplina em escolas situadas em áreas de reassentamento. Possibilita também pensar o ensino de história na significação da remoção

⁵ Publicados pela editora Oikos os dois livros serão lançados em abril de 2013.

dos moradores e a configuração de laços com o novo lugar. Se as vivências e os múltiplos pertencimentos estruturam nossas vidas, cabe pensar em que condições as famílias da Vila Dique, que estão vivendo o processo de remoção e reassentamento, vão reconstruir pertencimentos e afetos no Conjunto Habitacional: Que redes de apoio poderão contar? Teria a educação algo a contribuir?

A História tem um papel fundamental nesse processo, pois ao narrar sua própria história, o indivíduo dá sentido às suas experiências e, reinventa-se. Entre um acontecimento e sua significação, há o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo e isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar e (re)interpretar. Teria, então, as aulas de História algo a contribuir?

Para a disciplina de Educação Patrimonial, a ação de extensão amplia as discussões sobre o patrimônio cultural brasileiro, especialmente ao se fazer essa pergunta: Existe patrimônio cultural na Vila Dique? As práticas preservacionistas recentes vêm apontando para mudanças nos critérios tradicionais de concepção e preservação do patrimônio cultural nas grandes cidades brasileiras. Cada vez mais, territórios como bairros, favelas, subúrbios e periferias, que tendem a ser pouco reconhecidos na paisagem urbana, passam a ser valorizados, seja por sua história local – que ajuda a contar a história da própria cidade como um todo –, seja pelas referências culturais dos seus moradores. Quais são as práticas culturais desses sujeitos? Indagações como essa surgem da prática e fundamentam a constituição de um novo olhar sobre a realidade dos grupos populares e a atuação docente em escolas públicas. Também possibilita ao acadêmico a reflexão sobre o projeto de sociedade em curso.

A seguir a palavra dos estudantes de graduação envolvidos no projeto:

A experiência no Projeto Memórias da Vila Dique tem me permitido questionar sobre o fazer histórico, sobre a relação ensino e aprendizagem do profissional da área de História e mais ainda, sobre as possibilidades oferecidas pela educação em diferentes espaços para além da escola. O espaço privilegiado de trocas multidisciplinares permite repensar as questões acima postas e debater a ação do professor de história na atualidade. Quais contribuições a história pode oferecer para o entendimento desse amplo processo de mudanças sociais no tempo presente? O que dessa experiência serve para uma leitura das relações sociais que estabelecemos? (Renata, atua no projeto desde 2010)

(...) chega até a minha caixa de e-mail o convite para seleção de uma bolsa de extensão do Projeto Memórias da Vila Dique. Já conhecido superficialmente o caso e feitas às devidas ligações entre o aparente rumo da minha recente vida acadêmica e as questões acerca do que

já havia pensando a respeito do tema até então, resolvi ir para a entrevista, em que quase desisti, intimidada pelos estudantes de História que se empoleiravam pelo corredor do nono andar. Alguns dias depois, a resposta positiva e pouco a pouco os primeiros contatos com a equipe e com a Vila. (...) Assim, aos poucos, começamos a pontilhar um delicado trabalho de ouvir as multiplicidades, procurando entender o contínuo entrelaçamento das mudanças que compõem as vivências, sem negar a contradição, o poder fabulativo e a fluidez das partes. Em suma, buscar o que os jornais da manhã não nos informaram, ou então, mais velozes e atuais, o que ainda não acusaram as páginas da web. A procura não é por números, tentamos ouvir um pouco como o vizinho se sente. (Debora, bolsista no projeto em 2012 e 2013)

Minha inserção no projeto memórias da Vila Dique foi extremamente construtiva no que tange a minha formação como historiadora. Tal evento permitiu o contato com uma realidade de mundo completamente nova, a qual tinha informações apenas através do que circulava nos meios de comunicação que, obviamente, não permitem um olhar tão amplo quanto a experiência própria. A vivência de uma nova realidade abre caminhos para que o historiador faça uma análise crítica do mundo em que vive, evidenciando conjunturas diversas o que enriquece o trabalho histórico, pois abre um leque de possibilidades interpretativas. O entendimento de diversas facetas da vida humana se transfere para nosso trabalho através do enriquecimento de nossa análise, que se torna mais crítica e melhor contextualizado. (Naiara, bolsista voluntária em 2012 e 2013)

Difícil explicar os impactos provocados na minha formação pessoal e acadêmica a partir da participação no Projeto Memórias da Vila Dique. Se todos deixam uma marca, assim como nos ensina o belo livro de Philip Roth, é possível também, que os grupos – e as pesquisas, e essa a qual me refiro, em específico, com os seus muitos lugares, saberes e fazeres – deixe uma marca impossível de apagar. Mas pensemos essa marca por fazer-se, disposta a receber contribuições, passível de recriações, de remarcações, por assim dizer. O aprendizado foi constante e reafirmado a cada encontro, com cada dúvida, e sempre junto, com muita liberdade. Nesse ambiente trocamos incertezas, descobertas, e desenvolvemos o Projeto de Pesquisa, Extensão e formação do professor de história. Um fazer que é fazer-se ao mesmo tempo, criadores e criatura em eterno processo de inter-relação. Tal experiência é sem dúvida, a marca mais intensa dos meus anos de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Renata, bolsista no projeto deste o início em 2010)

Talvez mais do que nunca a profissão de professor tenha passado por um momento tão crítico quanto o que passa nesse momento no Estado do Rio Grande do Sul. Desvalorizados, com baixos salários, com escolas desestruturadas os professores são vistos hoje como uma profissão sem futuro, o que causa o esvaziamento dos cursos de licenciatura, ou pelo menos a falta de alunos que busquem essa profissão. Contudo dentro da universidade os projetos de extensão acabam por transformar, um pouco que seja, essa situação. Parte dos alunos que buscam a licenciatura em história, sabem que terão de preencher as vagas, nos quadros do ensino estadual. É nesse momento que os projetos de extensão transformam a visão que o aluno tem da escola. Projetos que ajudam os alunos da rede a modificarem suas vidas, a buscar melhores condições nas escolas, ou um melhor entendimento de seu mundo, faz com que os futuros professores se estimulem com a profissão e com suas possibilidades. A

extensão é parte fundamental do curso de história, tanto quanto a pesquisa. É na extensão que o aluno terá contato com o mundo onde irá trabalhar como professor de ensino médio ou fundamental. É ali que irá experimentar a vivência do que está por vir e poderá escolher o que pretende seguir. (Rafael, bolsista do projeto em 2012)

A extensão possibilita o contato entre a academia e a comunidade, geralmente muito distantes. A preocupação do extensionista deve estar em saber olhar e saber escutar, compreender a rotina e os processos vividos nesta comunidade respeitando seus saberes empíricos, a história dos anciãos e o olhar esperançoso dos jovens. A troca de experiências facilita a compreensão do científico, pois não cabe ao professor/pesquisador apenas retomar e reinterpretar estudos anteriores tem de observar e preocupar-se com o mundo para compreender os processos que estão ocorrendo em sua cidade, país, etc. O diálogo entre a empiria e o científico é uma experiência de troca onde resultados positivos têm sido alcançados com muita naturalidade, pois firmando no respeito esta parceria rumamos a uma extensão verdadeiramente popular, que busca democratizar experiências e fazer com que a universidade desça do "altar do saber" para conversar com os cidadãos. (Lourenço, bolsista no projeto em 2012 e 2013)

As falas dos estudantes anunciam uma dimensão pedagógica da extensão que vai além de uma atividade fora dos muros da universidade. Compreender o que não está nos jornais, ampliar o ponto de vista, dialogar com outras realidades, saber mais do mundo dos sujeitos que estão nas escolas, ampliar a troca de saberes, aproximar a universidade da sociedade, vivenciar o estranhamento com a vida “do outro”, refletir sobre os impactos das ações do Estado, avaliar as escolhas do poder público diante de eventos de visibilidade internacional como a Copa do Mundo, são algumas das questões que se percebe nas narrativas dos acadêmicos, construindo sentidos para vivências (intensas) na extensão oferecida na graduação. Talvez possamos nomear esse projeto de “um encontro”, encontro com os moradores da Vila Dique e do Conjunto Habitacional Porto Novo; encontro com outras áreas de conhecimento e, também, um encontro dos acadêmicos com os desafios do fazer-se educador com os grupos populares.

Concluir... Começar...

A compreensão da natureza pública da Universidade se confirma na proporção em que diferentes setores da população brasileira usufruam dos resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, frequentar seus cursos regulares.

Busca-se produzir saberes, tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população.

No que diz respeito à formação de professores, o debate das últimas décadas do século XX, no Brasil, gravitaram em torno dos Cursos de Licenciatura. Nos últimos anos, porém, o debate se amplia considerando a formação um processo permanente de tornar-se professor. Ao mesmo tempo, pesquisas e textos científicos⁶ apresentam discussões interessantes a respeito da formação do professor em diferentes espaços, como a participação dos estudantes em eventos acadêmicos, movimentos sociais, projetos de pesquisa e extensão. Esses têm sido reconhecidos como espaço-tempo importantes, principalmente, na formação inicial do professor.

No que diz respeito ao projeto de pesquisa e extensão *Memórias da Vila Dique*, o impacto da participação dos acadêmicos, reunidos nos apontamentos que seguem, torna-se evidente e reflete na sua formação:

- a oportunidade de experimentar os conhecimentos acadêmicos na sua dimensão prática é certamente a porção mais enriquecedora deste projeto, uma vez que motiva o desenvolvimento de novos saberes na relação estabelecida com os moradores, com as políticas públicas e com o ensino de História. A remoção da Vila Dique não é um acontecimento único na história da cidade e está ligada a políticas públicas em nome do progresso. Atitudes como essa são recorrentes, sobretudo nos grandes centros urbanos. Historicizar tais processos não é também compromisso do ensino de História?
- a atuação junto a uma equipe multidisciplinar com profissionais da área da saúde⁷, possibilita, aos acadêmicos de História, diferentes olhares para a realidade imprimindo outras ideias, sensibilidades e cuidado.
- as reflexões propiciadas pela tensão que permeia as diferentes narrativas de sujeitos, que são múltiplos, porém, às vezes, submetidos a processos de homogeneização. No caso em estudo, isso é evidenciado em casas construídas "em massa" e logo desfeitas pelo morar que expressa

⁶ Em relação à formação do professor de História, um exemplo é a obra organizada por FONSECA, Selva G; ZAMBONI, Ernesta. Espaços de formação do professor de História. Campinas: Papyrus, 2008.

⁷ O Sistema de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição é campo de ensino e possibilita a residência em Medicina de Família e Comunidade e a Residência Integrada em Saúde com ênfase em Saúde da Família. Assim, a equipe interage também com estudantes da área da saúde.

sua diferença nos “puxadinhos” e no colorido das casas, tão recorrentes no Conjunto Habitacional Porto Novo. Trata-se de discussões pertinentes à formação inicial do professor problematizando visões homogêneas sobre a vida do “homem simples” como anuncia Martins (2011).

- a compreensão de um percurso metodológico que reconhece as rodas de memórias como parte de um projeto de pesquisa e extensão e que não se pauta no viés econômico, apenas com atividades relacionadas ao mundo do trabalho. O que buscamos nesses encontros foi construir um espaço de contar histórias, significar o tempo vivido e reafirmar vínculos com o outro, com o lugar e com a vida.

A título de “começo de conversa”, o suposto aqui foi trazer à discussão a importância da extensão na formação inicial do professor, atento à responsabilidade social do ensino de História. Diferentes espaços-tempos de formação que problematizam a ideia de que o conhecimento se estende desde aqueles que se julgam sabedores até àqueles que julgam nada saber. Estudantes, movimentos sociais, docentes, trabalhadores de saúde e educação, criando um jeito de fazer extensão e pesquisa que promove um ensino reflexivo que forma profissionais mais humanos e conscientes de seu papel na História.

Referências

GIL, Carmem Zeli de Vargas Gil (og). **Da Vila Dique ao Porto Novo**: extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas. São Leopoldo: Oikos, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

_____. Notas sobre a narrativa e a identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A aventura (auto)biográfica**: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-22.

LOWENTHAL, David. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Ediciones Akal, 1998.

MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: contexto, 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

10

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Nova Enciclopédia, 1995.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p.200-212.